

Gênero, sexualidade e corpo-currículo na sociabilidade de um *site* de relacionamentos gay

Luiz Felipe Zago

109

Resumo

Artigo analítico resultante de uma etnografia virtual feita em um *site* de relacionamento voltado para homens *gays* brasileiros, realizada entre março de 2009 e fevereiro de 2012. Ao longo da pesquisa, foram arquivados e analisados 302 perfis que continham texto e imagem e realizadas cinco entrevistas semiestruturadas face a face com cinco diferentes usuários do *site*. Aborda-se a sociabilidade *online* entre os usuários do *site*, operando pedagogias do corpo, gênero e sexualidade nas formas de mostrar e narrar os corpos por meio de imagens e palavras. Sugere-se uma reapropriação do conceito de currículo ao indicar que, na contemporaneidade, os próprios corpos vêm se tornando corpos de conhecimento: são corpos-currículo. Conclui-se que os corpos-currículo fazem da carne um corpo de conhecimentos pertinentes sobre os indivíduos ao exibirem marcas de juventude, virilidade e saúde.

Palavras-chave: corpo; gênero; sexualidade; currículo.

Abstract

Gender, sexuality and body-curriculum in the sociability of a gay cruising website

This analytical article results from a virtual ethnography undertaken on a Brazilian gay cruising website from March 2009 to February 2012. During this period, 302 online profiles, containing texts and images, have been filed and analyzed. Besides, five semi-structured face-to-face interviews were conducted with five different users of the website. This analysis approaches online sociability among the website users, operating pedagogies of the body, gender and sexuality in the ways of displaying and narrating bodies through words and images. It suggests a reappropriation of the concept of curriculum by indicating that contemporaneously the bodies themselves have become bodies of knowledge: the bodies-curriculum. It concludes that the bodies-curriculum make of the flesh a body of relevant knowledge about the individuals by displaying marks of youth, virility and health.

Keywords: body; gender; sexuality; curriculum.

Podem os corpos ser pensados como currículos? Se sim, qual o lugar dos gêneros neste corpo de conhecimento? Essas são as perguntas norteadoras deste artigo, produto parcial de pesquisa de tese de doutorado na área da Educação, Sexualidade e Relações de Gênero, cujas possíveis respostas são parte de uma etnografia virtual feita em um *site* de relacionamento voltado para homens *gays* brasileiros, entre março de 2009 e fevereiro de 2012. Ao longo dessa observação participante, foram arquivados e analisados 302 perfis do *site* que continham texto e imagem, foram conduzidas entrevistas por meio da internet e cinco entrevistas semiestruturadas face a face com cinco diferentes usuários.

O *site* pesquisado é o *Manhunt*, cujo nome pode ter tradução para o português como “caça de homens” ou “caça aos homens”. O subtítulo do *Manhunt* em sua página principal dá o tom da sociabilidade (ou da “caça”) a que se propõe: “Qualquer homem. Em qualquer momento. Em qualquer lugar”. Trata-se, portanto, de uma sociabilidade que visa propiciar a construção de relações afetivas e sexuais entre os usuários do *site*. Proponho abordar tal sociabilidade *online* entre homens *gays* operando pedagogias do corpo, gênero e sexualidade (Louro, 2007, 2004) nas formas de narrar e mostrar os corpos por meio de imagens e palavras. Indicarei uma reapropriação do conceito de currículo (Louro, 2004; Paraíso, 2010; Silva, 2006, 2015) ao sugerir que no âmbito da “cultura somática” (Costa, 2005; Ortega, 2005, 2008; Sant’Anna, 2005) os corpos, eles próprios, vêm se tornando currículos (conjuntos de saberes dados a conhecer, corpos de conhecimento).

Nessa esteira, mostrarei que certas construções de gênero (Butler, 1999, 2004, 2012) operam como reguladoras das relações entre os homens usuários do *Manhunt*, no sentido da valorização de uma hipermasculinidade e da expulsão

das feminilidades. Se o corpo é currículo, o gênero masculino é a categoria central dada ao (re)conhecimento. Para demonstrar como os corpos podem ter se tornado currículos contemporâneos e sublinhar o caráter pedagógico das relações de gênero e sexualidade nesse contexto, utilizarei trechos de textos escritos nos perfis e de entrevistas *offline*; porém, não reproduzirei as fotografias publicadas nos perfis.¹

De início, é importante ressaltar que o exercício de reapropriação conceitual de currículo parte da sua definição, restrita às instituições formais de ensino (escola, faculdades e universidades), como “corpo complexo de conhecimento especializado” (Young, 2014, p. 201). Aí, o currículo seria uma forma específica de conhecimento “que é aplicado para torná-lo tanto ‘ensinável’ como ‘aprendível’ por alunos de diferentes etapas e idades” (Young, 2014, p. 199). Assim, as perguntas centrais a partir das quais qualquer currículo se constitui são eminentemente epistemológicas: quais conhecimentos deveriam ser ensináveis e aprendíveis, e por quem? Na tentativa de respondê-las, o currículo se articularia a determinado projeto de sociedade, sendo tanto uma prática cultural quanto política (Lopes, 2012). Mesmo ciente das críticas objetadas à ampliação ou ao alargamento da concepção de currículo (cf. Young, 2014), aposto na produtividade de analisar os modos como os corpos são expostos e exibidos contemporaneamente enquanto práticas culturais e políticas que os convertem em corpos-curículo: literalmente, corpos de conhecimento que ensinam e fazem aprender, que dizem dos indivíduos e que estão articulados à constituição de certa sociedade – conforme mostrarei a seguir.

O corpo a ser (re)conhecido

Para iniciar as discussões sobre cultura somática, trago um trecho de entrevista *offline* realizada com dois usuários do *site Manhunt* – Xato e Duck.² Este é um trecho no qual um dos entrevistados fala da exibição de seu corpo:

Duck: Eu posso falar porque eu era muito magro! Eu vim pro Rio [de Janeiro], eu pesava 55 quilos. Eu era muito, muito magro.

Xato: E hoje ele tira a camiseta na boate!

Pesquisador: Tu tira a camiseta na boate?

Duck: Eu tiro, eu tiro.

Pesquisador: Por que tu tira a camiseta na boate?

Duck: Ah, porque eu gosto. Porque hoje eu tenho o corpo que eu sempre quis ter.

¹ Existe o impedimento ético de reprodução, por terceiros, das imagens publicadas pelos usuários do *Manhunt* de acordo com os Termos de Acesso e Uso do *site* (com os quais eu concordei ao ingressar para a realização da etnografia *online*).

² Os nomes são fictícios.

Segundo Duck, tirar a camiseta em um espaço de sociabilidade (a boate) é uma das maneiras de exibir um corpo que supostamente goza do direito a ser exibido, olhado e (re)conhecido (conhecido por outros indivíduos). Ele justifica: “hoje eu tenho o corpo que eu sempre quis ter”. Mas quais os sentidos possíveis de querer/desejar ter um corpo? Qual é o corpo desejado – aquele que alguém alega sempre ter querido ter – e qual é o corpo desejante – esse corpo que existe, que ainda não é o corpo que sempre se quis ter, mas que de qualquer forma é o corpo que se tem agora? Parte-se do pressuposto de que “não se tem um corpo”, ou de que aquele que se tem não vale, não conta como corpo. O movimento de deslocamento de um *corpo desimportante* (não relevante de ser conhecido) na direção de um *corpo importante*, que dispõe do direito a ser exibido – (re)conhecido –, marca a construção de uma materialidade orgânica feita para ser colocada ao olhar do outro, cuja exibição torna o corpo um conjunto de conhecimentos que diz sobre o indivíduo.

O suposto direito à exibição de corpos importantes é algo que somente faz sentido no contexto de uma sociedade “ocularcêntrica” (Rose, 2007, p. 2), isto é, uma sociedade na qual o olhar e os modos de olhar, a exibição e os modos de exibição (sobretudo dos corpos) se tornaram práticas de significação centrais da cultura: daí também ser possível supor que participa ativamente do “ocularcentrismo” atual, sendo uma de suas características marcantes, o “totalitarismo fotogênico” (Sant’Anna, 2005, p. 107). Nessas condições, o corpo é enclausurado em um regime de exposição e visualização intensas, no qual se exorta “que tudo no corpo seja preparado para ser visto, exposto, colocado em pose: até mesmo o que é considerado avesso a toda pose e a toda exposição começa a ser coagido a aparecer” (Sant’Anna, 2005, p. 107).

O desejo de ter um corpo – de partir de um corpo em direção a outro, fabricando-o para si – é o estopim para a prática bioascética (Ortega, 2005, 2008), que é um conjunto de intervenções sobre a própria carne (a *bios*) que visam modificar e melhorar o corpo em concordância com determinados modelos de “desempenhos corpóreos ideais” (Costa, 2005, p. 203) em vigor contemporaneamente – a *ascese* –, pois é no bojo da cultura somática que o corpo define o que somos com base em nossos atributos ou performances físicas (Ortega, 2005). A construção bioascética se faz no corpo, por meio da adesão a um projeto de construção de uma nova carne: uma carne que importa, partindo de um corpo inexibível em direção a um corpo mostrável: a cultura somática, organizada a partir do ocularcentrismo, “faz da aparência a inerência” (Costa, 2005, p. 229). O “corpo-espetacular” (Costa, 2005, p. 230) é o corpo importante de ser exibido e (re)conhecido. Uma disciplina augusta é exigida daqueles que querem transformar sua anatomia construindo uma nova carne: “[o] músculo é um rótulo de vigor e de saúde, isto é, de força moral” (Courtine, 2005, p. 96). Assim, as práticas bioascéticas podem ser compreendidas como parte da “nova moralização das práticas corporais” que buscam “vencer no mercado das aparências; obter sucesso, beleza, autoestima, ou eficiência; efetuar uma boa performance física e, sobretudo, *visual*” (Sibilia, 2009, p. 34). Trata-se de corpos que buscam ser (re)conhecidos pelo olhar do(s) outro(s), exibidos em imagens e descritos por palavras, produzidos mediante práticas intensas e contínuas: “destinadas a demonstrar uma integração às normas corporais em vigor, a fornecer

um testemunho da comunhão com a cultura do corpo. O músculo é um modo de vida” (Courtine, 2005, p. 85).

Nos perfis *online* do *Manhunt*, os corpos dos usuários são materializados por meio de textos descritivos e de fotografias. Na exibição dos corpos que buscam (re)conhecimento, é a carne, a materialidade corpórea produzida por meio das práticas bioascéticas, que avaliará de maneira mais fiel a qualidade do corpo que pode ser mostrado em imagens. E as imagens se tornam fiadoras do corpo, legitimando sua “verdade”. Se a imagem dos corpos é doravante fiduciária do seu direito à exibição e de (re)conhecimento, produz-se cada vez mais “indivíduo[s] responsável[eis] que orienta[m] suas escolhas comportamentais e estilos de vida para a procura da saúde e do corpo perfeito e o afastamento dos riscos” (Ortega, 2005, p. 156).

Assim, é possível dizer que o corpo exibível através de imagens, construído nas disciplinadas práticas bioascéticas, ganha (senão almeja), como prêmio final, o próprio “totalitarismo fotogênico”: esse totalitarismo, para os corpos importantes, não é tido como um princípio de submissão. Pelo contrário, é tido como recompensa justa pelos investimentos de toda ordem na partida de um corpo desimportante em direção à construção do corpo mostrável. Submeter-se à exibição constante é algo considerado uma conquista e, como tal, ela precisa ser exaustiva. É preciso mostrar o corpo, publicá-lo na maior parte do tempo, por meio de várias fotografias, vários textos descritivos nos perfis *online* dos *sites* de relacionamento, para as centenas de outros usuários; é preciso descrevê-lo da maneira mais completa e objetiva possível com textos escritos e medidas quantitativas. E tudo isso acontece não apenas porque se está submisso ao “totalitarismo fotogênico”, mas porque supostamente é direito do corpo importante fazer-se exibido. Assim, para grande parte dos homens usuários do *site Manhunt*, o pior cego não é aquele que não quer ver, mas aquele que não quer se mostrar. É isso que se lê nos trechos de perfis *online* a seguir:

[Estou] Praticando exercícios diariamente; apesar de ter muitos pelos, me aparo... Não a travestis, afeminados, muito gordos ou anoréticos! SEM preconceito, mas não rola!

GORDINHOS NÃOOOOOOOOOO!!!!!! Leiam por favor!! Quero um amigo, um lance especial, mas sabendo que tudo começa no sexo. Gosto de gente calma, tranquila E SEM GORDURA. Gosto de caras magros. Não precisa ser sarado, mas se for também é show de bola. Que seja jovem e que curta mulato quarentão enxuto.

Procuro carinhas SARADOS, bonitos, lisos e de bom papo. Peludos, gordos, afeminados e magrelos não insistam. [...]

[...] Não me atraio por afeminados e nem nada que lembre feminilidade (nada contra mesmo, pessoal, é apenas questão de atração física) não curto idosos, gordos ou magrelos demais... [...]

[...] Depois de ter perdido 35 kg ainda ouço: ih, vc [você] é gordo. Tô nem aí pros outros. Importante é que me sinto bem malhando de 2ª a 6ª fazendo natação 2 vezes na semana. Um dia serei definido, aí os outros, que falavam que eu era gordo, vão querer ficar comigo e eu não irei querer mais.

Mesmo para aquele corpo desimportante (corpo gordo) que já aderiu ao projeto de construção de um corpo exibível, mas que ainda não o é, como atesta o último

trecho, certo modelo moral de atributos físicos (corpo definido) mantém-se como objetivo final, como o estado desejado/desejável da carne. Conforme mostram os trechos dos perfis, os corpos importantes (jovens, “sarados”, viris, sem pelos), exortados à exibição em imagens e à descrição em palavras, não podem ser “gordos”, nem muito “magros”, nem “idosos”, nem ter muitos pelos; o modelo moral dos atributos corpóreos, tal como definem os usuários do *Manhunt*, é aquele que reserva o direito à exibição daqueles corpos “sarados”, isto é, supostamente “curados” da doença da gordura e da magreza. Sobretudo, o corpo importante que busca ser (re) conhecido na sociabilidade deste *site* de relacionamentos é aquele que não mostra nenhum rastro, indício ou sinal de feminilidade.

O gênero a ser (re)conhecido

Nosso contexto histórico, político e cultural é aquele que “introduz, organiza [a partir da sexualidade] todo um dispositivo complexo no qual se trata da constituição da individualidade, da subjetividade, em suma, a maneira pela qual nos comportamos, tomamos consciência de nós mesmos” (Foucault, 2006a, p. 76, acréscimo meu).

Esse dispositivo de sexualidade (Foucault, 2012) torna inteligíveis somente corpos coerentemente sexuados, estavelmente generificados e adequadamente sexualizados, obedecendo ao princípio de coerência da sequência sexo-gênero-sexualidade que Judith Butler (1999, 2004, 2012) chama de matriz heterossexual. Qualquer ruptura entre os três termos desta sequência provoca uma desestabilização da própria inteligibilidade dos corpos e da humanidade dos indivíduos: “como presunções sobre gênero e sexualidade normativas determinam antecipadamente o que qualificará como ‘humano’ e [vida] ‘vivível’?” (Butler, 1999, p. xxiii). O lugar-comum discriminatório diz que um homem *gay*, por exemplo, “não é homem”. Isso exprime a ideia acerca “do terror e ansiedade que algumas pessoas sofrem em ‘tornar-se *gay*’, o medo de perder seu lugar em gênero ou de não saber quem será se dormir com alguém ostensivamente do ‘mesmo’ gênero” (Butler, 1999, p. xi). Daí, levantam-se as questões: “como práticas sexuais não normativas põem em xeque a estabilidade do gênero como categoria de análise? Como algumas práticas sexuais compelem a pergunta: o que é uma mulher, o que é um homem?” (Butler, 1999, p. xi).

Nessa direção, Butler está preocupada em circunscrever o conceito de gênero como uma norma que funciona e demanda, compulsória e simultaneamente, uma incorporação; Butler pensa gênero como uma norma que governa a inteligibilidade do corpo, reiterada e retomada de maneira altamente regulada, através do tempo em atos performativos definidos como “femininos” e “masculinos” e que será, igualmente, o princípio de humanidade dos indivíduos. “A norma governa a inteligibilidade, permite que certos tipos de práticas e ações se tornem reconhecíveis como tais”, ao mesmo tempo que impõe “uma grade de legibilidade sobre o social e [define] os parâmetros do que aparecerá e do que não aparecerá dentro do domínio do social” (Butler, 2004, p. 42). Tal norma que governa a inteligibilidade dos gêneros

está, desde sempre, atrelada à matriz heterossexual, como podemos sublinhar nos trechos de perfis *online* trazidos a seguir:

Sou honesto, bacana, aberto a uma relação mais séria com outro cara homem, macho como eu.

Nada contra (questão de gosto mesmo), mas prefiro os caras masculinos igual a mim.

PROCURO HOMENS [...] DE COMPORTAMENTO HÉTERO, COMO EU.

Dispenso afeminados, somente curto caras másculos e discretos como eu.

A assunção da norma heterossexual como marca constitutiva de um gênero masculino delimita-se como um conhecimento altamente valorizado e relevante de ser exibido e inteligível por meio de imagens e palavras sobre os corpos dos homens usuários do *site*. Nesse sentido, a dúvida ou suspensão da “realidade” do gênero masculino dos homens usuários do *site* os ameaça de forma constante – entendendo aqui a “realidade” do gênero como um produto histórico e performativo do dispositivo de sexualidade, ou como uma ficção política acerca dos corpos (Butler, 1999). Dúvida ou suspensão da estabilidade explicativa e descritiva do gênero masculino, produzida por uma ruptura em relação à prática sexual normativa (a heterossexualidade), justifica a exibição e descrição exaustivas dos corpos dos usuários do *Manhunt* como portadores e exibidores de masculinidades viris (leia-se, heterossexuais), como se pode entrever nos trechos de perfis trazidos anteriormente. Se a “realidade” do gênero masculino desses corpos não estivesse posta em xeque pelo fato de esses homens escaparem da norma heterossexual, os corpos e as asserções de masculinidades viris não se fariam tão densamente presentes mediante imagens e descrições textuais nos perfis *online*. A densa presença e a urgente demanda por (re)conhecimento dos corpos viris por meio de fotografias e palavras nesses perfis são tentativas de reconduzir o gênero masculino desses corpos à continuidade da matriz sexo-gênero-sexualidade perturbada pelas práticas sexuais não heterossexuais nas quais se engajam os indivíduos habitantes do *Manhunt*. É o que se exprime, por exemplo, na exigência de um dos usuários em seu perfil quando ele escreve: “procuo homens de comportamento hétero como eu”.

É precisamente aqui que se dá a articulação entre a expulsão de quaisquer marcas de feminilidade dos corpos de homens (tidas como altamente perturbadoras da matriz heterossexual) e a exibição exaustiva dos corpos por meio de imagens e palavras no *site Manhunt*. Qualquer rastro de feminilidade em corpos (re)conhecidamente de homens estaria “fora de lugar”, isto é, estaria rompendo com uma matriz de inteligibilidade que organiza as marcas de gênero constitutivas e “corretas” para todos os corpos em conformidade com a sequência heteronormativa entre sexo-gênero-sexualidade. Por isso, faz-se da exibição dos corpos um ato performativo da masculinidade viril, adequada à matriz heterossexual, que se constitui como elemento importante sobre o indivíduo a ser (re)conhecido no seio da sociabilidade do *site*. Para ser homem nessa sociabilidade é preciso mostrar-se como homem por meio de imagens e palavras. Ser homem, nos perfis e nas

entrevistas com usuários do *Manhunt*, é ter (apossar-se de) e mostrar um corpo de homem; é inscrever (e exibir) marcas de gênero na carne, mediante regulação da norma heterossexual.

Corpo-currículo

Assim, os corpos dos homens usuários do *site* se fazem presentes em imagens e em palavras por meio do repúdio à gordura, à magreza, ao envelhecimento, cujas marcas físicas são negadas e apagadas, subtraídas do direito à exibição e ao (re)conhecimento. Sobretudo, a expulsão violenta do gênero feminino aparece articulada à exibição dos corpos importantes: ser homem, neste contexto, é mostrar um corpo cuja superfície e atributos estejam marcados por uma masculinidade viril exaustivamente (re)conhecida; a carne é genericada de acordo com certa construção de masculinidade heterossexual, e essa construção torna-se um conhecimento relevante de fazer-se mostrável. O corpo importante a ser (re)conhecido por meio de palavras e de imagens, nos perfis dos usuários do *Manhunt*, é aquele que afirma e exhibe, na carne e pela carne, uma determinada construção de gênero masculino que se assenta no repúdio a toda e qualquer construção de feminilidade.

Tal coincidência completa entre corpo (certo gênero masculino viril corporificado) e subjetividade (ser homem) a que aspiram os usuários do *Manhunt* está impregnada pelos significados da cultura somática e é regulada pela matriz heterossexual. Neste âmbito, o corpo está em jogo na definição sobre quem nós somos, como a própria coincidência e exteriorização da nossa subjetividade: parece que vivemos “um grande movimento de mutação subjetiva, que empurra paulatinamente os eixos do *eu* em direção a outras zonas: do interior para o exterior, da alma para a pele, do quarto próprio para as telas de vidro [dos computadores] (Sibilia, 2008, p. 90-91, grifo da autora, acréscimo meu). Nesse contexto, “o *eu* passa a se estruturar em torno do corpo. Ou, mais precisamente, da imagem visível que cada um é” (Sibilia, 2008, p. 111). Trata-se, portanto, de uma relação entre subjetividade e corpo que visa traduzir na carne as informações pertinentes sobre o indivíduo: o corpo é a grade de saberes mais relevantes sobre aquilo que somos, o corpo é currículo.

Retém-se do currículo a definição de que ele é um corpo de conhecimentos especializados, considerados relevantes para um dado campo de saber, aprendíveis e ensináveis a um dado grupo social, de tal maneira que esses conhecimentos possibilitem a compreensão do mundo no qual vivemos (Young, 2104; Galian; Louzano, 2014), mas também o currículo consiste em uma prática de significação que articula saber, poder e política (Silva, 2006) – “autobiografia, nossa vida, *currículum vitae*: no currículo se forja nossa identidade” (Silva, 2015, p. 150). Assim, o currículo pode não se restringir àqueles conhecimentos que precisam ser ensinados aos/às alunos/as na escola; “o currículo produz, o currículo nos produz” (Silva, 2006, p. 27) porque o currículo está implicado no percurso da vida, na constituição de um caminho, de um trajeto de conhecimento que é necessário percorrer ao longo da

vida; o currículo pode ser algo mais amplo e abrangente e, como sugiro aqui, no contexto da cultura somática, os nossos próprios corpos encarnam, corporificam conhecimentos: corpos-curriculum.

Sendo corpos-curriculum, os corpos exibidos em imagens e descritos em palavras nos perfis dos usuários tornam sua carne a grade de conhecimentos pertinentes sobre si próprios: o relevo, a densidade e, sobretudo, o gênero da carne são conhecimentos necessários sobre os corpos exibíveis do *site*. Exibir os corpos em imagens constitui um modo de (re)conhecer os corpos-curriculum, um modo de dar a ver o conhecimento que se traduz em carne – ou, dito em termos curriculares, “o currículo é sempre o resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes seleciona-se aquela parte que vai constituir, precisamente, o currículo” (Silva, 2015, p. 15). Se há uma seleção, podemos observar que na sociabilidade *online* do *Manhunt* os corpos são selecionados em pelo menos duas ordens: os corpos importantes, mostráveis, exibíveis e (re)conhecidos (jovens, “sarados”, viris), e os corpos desimportantes (idosos, magros/obesos, afeminados), recusados e negados na sociabilidade dos usuários do *site*. Os corpos desimportantes são constantemente evocados por meio de palavras nos perfis *online*, na forma de recusas e negações, mas, ainda assim, esses corpos desimportantes funcionam como operadores de sentido no (re)conhecimento dos corpos-curriculum exibíveis. Os corpos desimportantes são desprezados, mas ainda assim evocados e presentificados, mesmo na forma de negação, o que garante sua existência discursiva do seio da sociabilidade *online* dos usuários do *site*. Como vimos, a expressão “ter o corpo que sempre se quis ter” significa partir de um corpo desimportante e, por meio das práticas bioascéticas disciplinadas, percorrer um *curriculum*, um trajeto, um percurso de construção de um corpo importante, pois “um currículo busca precisamente modificar as pessoas que vão ‘seguir’ aquele currículo” (Silva, 2015, p. 15). Isto é, os corpos desimportantes são recusados, mas estão sempre à espreita dos corpos importantes na sociabilidade do *Manhunt*.

Os corpos desimportantes formam corpos de (des)conhecimento, corpos que não merecem ser conhecidos, um (anti)currículo. Por isso, talvez seja importante “estranhar o currículo” (Louro, 2004, p. 55). Talvez seja importante tomar os corpos-curriculum exibíveis e “desconfiar do que está posto e olhar de mau jeito o que está posto, colocar em situação embaraçosa o que há de estável naquele ‘corpo de conhecimentos’”, isto é, partir dos corpos-curriculum não para superá-los ou para denunciá-los, mas para “fazer uma espécie de enfrentamento das condições em que se dá o conhecimento” (Louro, 2004, p. 64) trazido por eles em sua carne exibível.

A ideia é pôr em questão o conhecimento (e o currículo), pôr em questão o que é conhecido e as formas como chegamos a conhecer determinadas coisas e a não conhecer (ou a desconhecer) outras. [...] [Trata-se], mais apropriadamente, de pôr em questão a ideia de que se disponha de um corpo de conhecimentos mais ou menos seguro que deva ser transmitido [...]; trata-se, ainda, e fundamentalmente, de questionar sobre as condições que permitem (ou impedem) o conhecimento. Isso me remete [...] à ideia de que há *limites* para o conhecimento: nessa perspectiva, parece importante indagar o que ou quanto um dado grupo *suporta conhecer*. (Louro, 2004, p. 65, grifo da autora).

É por isso que os corpos-currículo, enquanto “corpos de conhecimento”, carregam ignorâncias, pois “a ignorância pode ser compreendida como sendo produzida por um modo de conhecer, ou melhor, ela é, também, uma forma de conhecimento. [...] um resíduo do conhecimento, como o efeito de um jeito de conhecer” (Louro, 2004, p. 68). Lá nos limites do conhecimento encarnado pelos corpos-currículo, está a ignorância residual que lhes é constitutiva, que lhes é fronteira. Os corpos-currículo querem ser (re)conhecidos por um conhecimento que está encarnado na sua própria materialidade, mas essa materialidade é circunscrita pela ignorância, pelo (anti)saber e pelo (des)conhecimento limítrofes, pela (anti)carne e pelo (anti)currículo encarnados pelos corpos desimportantes – que, embora desprezados e recusados, permanecem ali colados à pele dos corpos exibíveis, pois são sempre evocados e chamados a existir precisamente mediante sua nomeação expressa em recusa e negação, como aparece nos trechos trazidos dos perfis *online*.

Finalizações

O conhecimento encarnado nos corpos-currículo e a ignorância produzida como um de seus efeitos nos ensinam algo: “isso tudo porque o que está em jogo em um currículo é a constituição de modos de vida, a tal ponto que a vida de muitas pessoas depende do currículo” (Paraíso, 2010, p. 588). No contexto do *Manhunt*, os corpos-currículo ensinam sobre modos de exibição da carne e também sobre posições de sujeito que certos indivíduos são chamados a ocupar na nossa sociedade. Os corpos-currículo querem ser (re)conhecidos em seu direito a se exibirem: há aí a reificação da juventude, virilidade e saúde como marcas corpóreas que dizem dos indivíduos. Por outro lado, os corpos marcados pelo envelhecimento, pela magreza/obesidade e, principalmente, pela feminilidade são desimportantes, posicionados como resíduos “estultos” (Costa, 2005) e chamados a ser (des)conhecidos, ignorados.

Nesse diapasão, sugiro que a chave de inteligibilidade está no lugar que os corpos ocupam em certa relação pedagógica que faz da carne um corpo de conhecimentos pertinentes sobre os indivíduos, do modo como vivem suas vidas, do seu lugar político e social, do seu valor como sujeitos. O corpo – importante ou desimportante; a ser (re)conhecido ou guardado em (des)conhecimento – preside uma relação pedagógica de ensino-aprendizagem acerca de quem são os indivíduos no bojo da cultura somática. Pois se as marcas do corpo são marcas de poder (Louro, 2004), e se os currículos carregam rastros de certos projetos de sociedade (Lopes, 2012), os corpos-currículo encarnam efeitos de relações políticas mais amplas, características da contemporaneidade.

Referências bibliográficas

- BUTLER, Judith. *Gender trouble*. New York: Routledge, 1999.
- BUTLER, Judith. *Undoing gender*. New York: Routledge, 2004.
- BUTLER, Judih. *Cuerpos que importan: sobre los limites discursivos del sexo*. Buenos Aires: Paidós, 2012.
- COSTA, Jurandir Freire. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- COURTINE, Jean-Jacques. Os Stakhanovistas do Narciso: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, D. B. (Org.). *Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p. 81-114.
- FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2012.
- GALIAN, Cláudia V; LOUZANO, Paula B. Michael Young e o campo do currículo: da ênfase no "conhecimento dos poderosos" à defesa do "conhecimento poderoso". *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 40, n. 4, p. 1109-1124, out./dez. 2014.
- LOPES, Alice Casemiro. Democracia nas políticas do currículo. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 42, n. 147, p. 700-715, set./dez. 2012.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 7-34.
- MANHUNT. 2015. Disponível em: <<http://www.manhunt.net/>>. Acesso em: 9 dez. 2015.
- ORTEGA, Francisco. Da ascese à bio-ascese: ou do corpo submetido à submissão do corpo. In: RAGO, M.; ORLANDI, L. L.; VEIGA-NETO, A. (Org.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzscheanas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 139-173.
- ORTEGA, Francisco. *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- PARAÍSO, Marlucy Alves. A diferença no currículo. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 40, n. 140, p. 587-604, maio/ago. 2010.

ROSE, Gillian. *Visual methodologies: an introduction to the interpretation of visual materials*. London: Sage, 2007.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Transformações do corpo: controle de si e uso dos prazeres. In: RAGO, M.; ORLANDI, L.; VEIGA-NETO, A. (Org.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzscheanas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 99-110.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIBILIA, Paula. O corpo modelado como imagem: o sacrifício da carne pela pureza digital. In: RIBEIRO, P. R. C.; SILVA, M. R. S.; GOELLNER, S.V. (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: composições e desafios para a formação docente*. Rio Grande: FURG, 2009. p. 33-42.

SILVA, Tomaz Tadeu. *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

YOUNG, Michael. Teoria do currículo: o que é e porque é importante. *Cadernos de Pesquisa*, v. 44, n. 151, p. 190-202, jan./mar. 2014.

120

Luiz Felipe Zago, bacharel em Comunicação Social e doutor em Educação, é professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Curso de Jornalismo, ambos da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra). Desenvolve pesquisas nas áreas dos Estudos Culturais em Educação, estudos foucaultianos em Educação, corpo, gênero, sexualidade e Educação. Integra a Linha de Pesquisa de Pedagogia e Políticas da Diferença (PPG-Edu Ulbra). Coordena o Projeto "Incluídos e normalizados? Aspectos pedagógicos das políticas de atenção integral à saúde no Brasil".

professorluizfelipezago@gmail.com